

Titulo do Simpósio Temático: Representação dos lugares na cultura brasileira

Dados do Coordenador:

Nome: Prof. Dr. Luís Antônio Jorge

Autor: **Marina Grinover**

Título do trabalho: **Lina Bo Bardi, sertão e cidade na formação da cultura dos objetos**

(...) Civilização: Procurando tirar da palavra o sentido áulico-retórico que a acompanha, civilização é o aspecto prático da cultura, é a vida dos homens em todos os instantes. Esta exposição procura apresentar uma civilização pensada em todos os detalhes, estudada tecnicamente (mesmo se a palavra técnico define aqui um trabalho primitivo), desde a iluminação até as colheres de cozinha, as colchas, as roupas, bules, brinquedos, móveis, armas. É a procura desesperada e raivosamente positiva de homens que não querem ser 'demitidos', que reclamam seu direito à vida. Uma luta de cada instante para não afundar no desespero, uma afirmação de beleza conseguida com o rigor que somente a presença constante duma realidade pode dar.(...)¹

A arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992) em seus textos escritos na década de 1960 no Brasil, procurou apontar caminhos de integração entre a arte e a vida como uma forma de dar sentido social amplo as transformações técnicas que a era moderna impôs às sociedades. Examinando suas posições para os valores da cultura popular e da cultura moderna na formação da identidade brasileira, podemos reconhecer seu conceito de cultura como fato útil à vida dos homens e como campo móvel do conhecimento que se transforma no tempo e se adapta ao lugar.

Devido à sua posição peculiar frente ao contexto cultural moderno, de um lado por ter participado na Itália do debate entre tradição e novo na primeira metade do sec. XX e por outro, por ter aprofundado o olhar sobre a cultura popular híbrida do sertão brasileiro na década de 1960, Lina Bo Bardi teve um papel fundamental na construção da cultura moderna brasileira. Ao valorizar a criação de uma indústria de

¹ Este é o texto de abertura da primeira exposição de arte popular no solar do Unhão, em 1963. A exposição intitulava-se "Nordeste" e foi idealizada, projetada e montada por Lina Bo Bardi. Depois, com o golpe militar de abril de 1964 o trabalho com a documentação seria interrompido. In: FERRAZ, Marcelo (org). Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993, p.158. Republicado In RUBINO, Silvana, GRINOVER, Marina. Lina por escrito, textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009

objetos e utensílios amparada pela sabedoria da cultura popular como contraponto a standartização da cultura de massa internacional, a arquiteta construiu um sentido integrado e útil de cultura moderna no Brasil.

(...) essa parte da humanidade - o povo -, levada pelas necessidades, a resolver por si mesma o próprio problema existencial e não possuindo esta pseudo-cultura, tem a força necessária ao desenvolvimento de uma nova e verdadeira cultura.

Esta força, latente existe em alto grau no Brasil, onde uma forma primordial de civilização primitiva, (não no sentido de ingênua, e sim composta de elementos essenciais, reais e concretos), coincide com as formas mais avançadas do pensamento moderno. Empresa extremamente delicada é a imersão nesta corrente profunda e vital das capacidades críticas e históricas contemporâneas, sem as quais não pode existir desenvolvimento coerente e moderno de uma civilização. Importante é não impor violentamente o problema histórico-crítico, mas apenas aceitar as realidades existentes, levando em conta todas as correntes, inclusive as espúrias, modificando-lhe e aceitando-lhe, gradativamente, conduzindo uma ação política efetiva, tomando conhecimento que a falência dos esforços precedentes foi devida às posições de vanguarda ou “igrejinhas” que, excluindo a realidade existente, combatia na abstração, obtendo por conseqüências mediócras resultados.

Salvaguardar ao máximo as forças genuínas do país, procurando ao mesmo tempo estar ao corrente do desenvolvimento internacional, será a base da nova ação cultural, procurando, acima de tudo, não diminuir ou elementarizar os problemas. Apresentando-os ao povo como um alimento insosso e desvitalizado, não eliminar uma linguagem que é especializada e difícil mas que existe, interpretar e avaliar estas correntes e sobretudo será útil lembrar as palavras de um filósofo da praxe “não se curvem ao falar com as massas senhores intelectuais, endireitem as costas.”²

A arquiteta nos mostra seu empenho em difundir uma estratégia de ação cultural dirigida às elites nacionais, aos artistas, aos professores e intelectuais que integrasse uma sabedoria que encontrou no sertão brasileiro, na cultura popular, à cultura urbana que se consolidava no Brasil da década de 1960. Uma sabedoria de

² BARDI, Lina Bo. *Cultura e não cultura*. In: *Crônicas 1: de arte, de história, de costume, de cultura da vida, Arquitetura, Pintura, Escultura, Música, Artes Visuais*. Diário de Notícias, Cidade do Salvador, 7 de setembro de 1958. Republicado em RUBINO, Silvana, GRINOVER, Marina. *Lina por escrito, textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

valor do trabalho humano e sua criatividade engenhosa de simplificação de formas e meios. Um conteúdo que alimentasse de valores populares e da memória interna do sertão o novo modo produtivo que o Brasil semi-industrial e urbano da época estava por formatar. No entanto o contexto histórico do golpe militar e as seguintes repressões das manifestações artísticas interromperam um processo apenas começado na Bahia. Segundo Celso Favareto as experiências daquele tempo serviram, no entanto, para consolidar uma percepção da sociedade e da cultura brasileira. Sobre as ações imediatamente após o golpe ele escreveu:

(...) as ações notabilizaram-se por um afluxo de propostas, experiências e talentos, responsáveis pela configuração de uma ampla atividade de vanguarda (...) depois do choque e da retração provocados pelo golpe militar de 64, os artistas voltaram a 'opinar', artística e politicamente, compondo a renovação das linguagens e das imagens alusivas ao contexto sociopolítico. Estas atividades confluíam na necessidade que se impunha de fazer a crítica da 'realidade brasileira' e de articular a resistência (...) mas antes de tudo, tratava-se de levar adiante o trabalho de renovação que vinha impulsionando o desejo de modernidade artístico-cultural desde a década de 1950.³

É no valor deste impulso que encontramos o lugar dos textos da arquiteta para reconhecermos nossa cultura miscigenada, desigual e pulsante de vitalidade. Neste sentido, sua obra escrita colabora para a experiência de leitura dos valores de memória construtiva dos objetos de uso cotidiano da cultura popular do sertão e seus significados na construção do universo de utensílios urbanos e industrializados no Brasil da década de 60 e conseqüentemente na formação de uma resistência na década de 70.

³FAVARETO, Celso. *Tropicália: a explosão do óbvio*. In: *Tropicália uma revolução na cultura brasileira [1967-1972]*, Carlos Basualdo (org), São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.81. Neste texto o autor coloca de forma contundente o valor das experiências do início da década de 60 como fundamentais para os desdobramentos da Tropicália. Nota também a contundência dos eventos fora do eixo Rio-São Paulo, particularmente em Salvador, onde trabalhou Lina Bo Bardi.